



O repertório de habilidades sociais e o bem-estar do trabalhador professor

A repertoire of social skills and welfare of the teacher-worker

Camilla Guerra Lopes SANTOS¹ | Liliane Gomes CORRÊA² | Pedro Portela SILVA³ |
Orientador: Alexandre Nunes dos SANTOS⁴

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar um diálogo entre diferentes autores, relatando a respeito do repertório de habilidades sociais e sua importância para o desenvolvimento do sujeito, da saúde do trabalhador, do trabalho enquanto meio de identidade e do contexto educacional atual em que o trabalhador professor está inserido. Apresentando por fim os resultados de uma pesquisa de campo, buscou observar a existência relacional entre o bem-estar do sujeito professor e o seu repertório de habilidades sociais.

Palavras-chave: Bem-estar. Habilidades sociais. Saúde do trabalhador.

Abstract: The objective of this essay is to present a dialog between different authors in relation to the repertoire of social skills and their importance in the development of the individual, a worker's health in relation to work as a means to create an identity and the current educational context in which the teacher-worker is integrated. Presenting the results of a fieldwork that observed the relational existence between the individual teacher's welfare and their repertoire of social skills.

Keywords: Welfare. Social skills. Worker health

Introdução

O presente artigo socializa sobre a relação existente entre o bem-estar do professor em sala de aula e o seu repertório de habilidade sociais, assim como, relata acerca de temas que compõem este cenário, fundamentando-se sob uma pesquisa de campo e bibliográfica que por meio de seus resultados visa proporcionar ao leitor uma compreensão da hipótese relacional existente entre o repertório de habilidades sociais do professor e o seu bem-estar em sala de aula.

Quando se refere ao desenvolvimento das habilidades sociais, remete-se à concepção de Del Prette (2001), que por sua vez considera que tais habilidades são fundamentais para um desenvolvimento saudável do ser humano. Segundo Del Prette (2001), já existem países onde a educação inclui em seus currículos propostas diversificadas relacionadas ao desenvolvimento, seja ele emocional e interpessoal. Del Prette (2001) acredita que tais propostas foram, em sua grande maioria, motivadas pelo alto índice de

1 Graduada de Psicologia da Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE

2 Graduada de Psicologia da Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE

3 Graduando de Psicologia da Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE

4 Psicólogo, professor orientador da Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE

violência moral, física, indisciplina, consumo de drogas e demais comorbidades características da sociedade contemporânea, que vêm apresentando à instituição escolar o desafio de inovar-se constantemente. Na medida em que se traz a questão da inovação do espaço escolar, recorre-se à humanização como um fator primordial para este processo.

A respeito da inovação do espaço educacional, Cury (2003) afirma que a educação contemporânea encontra-se em crise, pois não é humanizada, tem gerado seres com conflitos, que possuem capacidade para lidar com a lógica dos fatos, mas não com a vida. Com relação à crise da educação brasileira, Codo (2006) verifica que o contexto situacional em que este setor se encontra é caracterizado por altos índices de violência, assim como de adoecimento dos profissionais que nele atuam; diversos fatores, inclusive a imagem da educação como fracassada, estampada nos meios de comunicação, afetam esses profissionais e contribuem para o fortalecimento deste estigma, que impacta na subjetividade dos educadores de nosso país.

Ao conceber o termo humanizar, Ferreira (1999) compreende como o ato de tornar mais humano, sociável ou civilizar. Sendo assim, percebe-se que este seja um fator necessário para contribuir com a mudança do cenário educacional brasileiro. Com o contexto da globalização, e um movimento de massa no qual a sociedade está tendo acesso, com maior facilidade, aos meios de comunicação, à internet e seus mais diversos aplicativos, verifica-se o surgimento de novos comportamentos e aos poucos percebe-se pessoas reunidas em um mesmo local, porém cada uma em seu mundo virtual, navegando em seus aparelhos com diferentes funções, emergindo, assim, novos comportamentos sociais.

De acordo com Pirocca (2012), percebe-se a dificuldade em conceber a zona limítrofe entre o saudável e o não saudável quando se trata do uso das redes sociais, mas sabe-se que, quanto maior for o tempo que o sujeito utiliza em atividades online, serão maiores os prejuízos em sua vida, gerando, dentre outros fatores, a retração social, problemas familiares e até mesmo a má alimentação, fazendo com que o sujeito apresente dificuldades em iniciar e manter relacionamentos sociais.

Yen (2010, *apud* PIROCCA, 2012) apresenta que, ao utilizar em excesso a internet, o sujeito comumente apresenta queda em seu desempenho acadêmico e prejuízo na interação social. Desta maneira, considera-se que o movimento cultural apresentado vai fazendo com que o homem se distancie do contato com seus pares, passando a se pronunciar e vivenciar um mundo virtual, comunicando-se por meio dos 140 caracteres permitidos no espaço online; as crianças já não brincam dos antigos jogos infantis, elas priorizam os jogos eletrônicos e o universo virtual.

Del Prette (1999) acredita que o déficit no desenvolvimento das habilidades sociais nas etapas formativas da vida pode vir a comprometer as fases posteriores do ciclo vital. De acordo com este autor, no decorrer da vida, o ser humano necessita do aprendizado de novas habilidades para o convívio, pois o mundo está em constante transformação e exige de nós novas formas de interação com o meio.

Del Prette (1999) salienta que o desenvolvimento social se inicia no nascimento do sujeito e necessita ser elaborado de forma mais progressiva ao longo do tempo, exigindo da pessoa as seguintes demandas:

Na passagem para a escola [...] ela precisa adaptar-se a novas demandas sociais, a diferentes contextos, a novas regras, com papéis bem definidos, necessitando, portanto, de um repertório ampliado de comportamentos sociais. [...] Na adolescência, as demandas são maiores [...] é preciso, agora, parar, ouvir atentamente, dar, uma vez ou outra, alguma opinião, mostrar-se solícito, gentil, trocar palavras usuais [...] Na vida adulta, seja qual for o seu estágio, novas habilidades sociais são requeridas: realização de tarefas em grupo, exercício de liderança em algumas atividades, habilidades sexuais com seu par [...] à constituição de uma nova família e, ainda, aquelas decorrentes do contato com diferentes grupos culturais, tanto no exercício profissional quanto no fazer (DEL PRETTE, 1999, p. 22).

Compreende-se, assim, o quão importantes são as habilidades de convívio social para o bem-estar do sujeito nas mais diversas fases de sua vida. Deste modo, verifica-se que a valorização do convívio social do sujeito com os seus pares torna-se um fator necessário para uma mudança no contexto educacional.

Conforme Del Prette (2001), as atividades que buscam o desenvolvimento das habilidades sociais proporcionam uma esfera na qual as atitudes humanas sociáveis, de diálogo, de cooperatividade, de empatia, são capazes de auxiliar o sujeito no manejo de seus comportamentos, ocasionando a minimização dos conflitos, que comumente se fazem presentes nos cotidianos escolares. Com relação ao interesse pelo estudo do desempenho social do ser humano em seu ciclo evolutivo, Del Prette (1999) traz que as teorias do desenvolvimento discutem sobre a importância da socialização como processo de interação social com outros sujeitos, fator fundamental para a garantia de um desenvolvimento saudável.

Enquanto a mudança no contexto educacional não toma corpo nas unidades de ensino de nosso país, tem-se dentro destas, pessoas que sofrem e adoecem constantemente devido aos fatores situacionais gerados pelo trabalho. Segundo Codo (2006), a situação dos profissionais caracteriza-se pela falta de reconhecimento, noticiários que retratam o descaso da educação, o baixo rendimento dos alunos, que por sua vez são comparados aos níveis nacionais e internacionais. Esses fatores causam danos à imagem deste profissional, põem em questionamento a sua competência e prejudicam a sua identidade.

Uma vez explanado, brevemente, sobre as dificuldades que este profissional enfrenta, surge-nos o seguinte questionamento: será que aqueles educadores que em seu cotidiano apresentam um maior repertório das habilidades sociais são afetados positivamente no seu bem-estar biopsicossocial? Del Prette & Del Prette (2001) fazem uso do Inventário de Habilidades Sociais como ferramenta capaz de identificar, por meio de um escore, o nível de Habilidades Sociais de um indivíduo, proporcionando, assim, um

suporte necessário para nortear o Treino de Habilidades Sociais. Nesta pesquisa utilizamos deste material para avaliar o repertório de um grupo de professores da rede pública da Região Metropolitana do Recife.

Conceito e desenvolvimento de habilidades sociais

Os estudos referentes ao desenvolvimento de habilidades sociais vêm tomando espaço no universo das pesquisas, juntamente com o crescimento e a popularização dos estudos psicológicos baseados em evidências, relacionados às técnicas cognitivo-comportamentais.

De acordo com Silva (2002), quem deu origem a este movimento foi Andrew Salter (1949), considerado um dos idealizadores da terapia comportamental. Por meio de seus estudos, buscou técnicas que auxiliassem no aumento da expressão verbal e facial de sujeitos, iniciando assim o aprofundamento naquilo que mais tarde viria a ser reconhecido como habilidades sociais. Del Prette (1999) afirma que o trabalho realizado por Andrew Salter foi fundamentado nos estudos de Ivan Pavlov referentes ao reflexo condicionado.

Com relação à definição do termo habilidades sociais, Caballo (1991, *apud*, SILVA 2002), traz a concepção de que se pode compreender habilidades sociais como uma série de comportamentos socialmente habilidosos, como: opiniões, sentimentos e vontades que fazem o sujeito levar em consideração o respeito a si mesmo e aos outros, facilitando assim a resolução de problemáticas situacionais e a redução de problemas futuros relacionados a fatores existenciais.

Os escritos de Del Prette (2003) apresentam que é possível desenvolver programas nos quais sejam realizados o desenvolvimento de habilidades sociais em indivíduos que apresentem déficit. Estes programas são conhecidos como treinamento de habilidades sociais, que por sua vez abrangem uma esfera referente ao desenvolvimento de habilidades de convivência humana no qual é proporcionado ao sujeito um espaço em que o mesmo seja convidado ao desenvolvimento de suas habilidades de expressar-se, compartilhar, cooperar, desculpar-se, escutar o próximo e até mesmo discordar das idéias de seus pares e se posicionar de maneira respeitosa, proporcionando, assim, o desenvolvimento de habilidades que auxiliam o indivíduo a lidar com as mais diversas circunstâncias que a existência lhe trará.

Del Prette (1999) salienta que existe um movimento no Centro de Estudos da Criança da Universidade de Yale, localizada nos Estados Unidos, que possui como objetivo o desenvolvimento de competências que sejam capazes de proporcionar ao sujeito uma vivência saudável, administrando os conflitos interpessoais e reduzindo os fatores geradores de violência. Tal estudo vem dando destaque ao desenvolvimento de habilidades de relacionamento social, que está ligado a uma área tradicional da clínica psicológica, conhecida como Treinamento de Habilidades Sociais.

Desta maneira, é possível considerar as habilidades sociais como um fator relevante para o desenvolvimento humano integral e saudável, uma vez que proporciona ao sujeito ferramentas que lhe sejam úteis no seu modo de ser no mundo, auxiliando o sujeito a lidar com os fatores que estarão presentes nas mais diversas fases da vida, interferindo na convivência saudável com as diferenças, inibindo a intolerância, que pode ser considerada como um dos fatores característicos das situações de conflitos.

O sujeito e sua relação com o trabalho

No contexto social seria possível perceber a importância do trabalho como formação da identidade do sujeito. Há algumas décadas as pessoas eram reconhecidas pelo seu sobrenome. Com o passar dos tempos, as famílias perderam a influência social que se fazia presente desde os tempos do Brasil Império e atualmente o indivíduo também se apresenta pelo cargo profissional que ocupa. Ressaltando a importância do trabalho para o bem-estar do sujeito, Marx (apud, JACQUES 2007) afirma que o trabalho é condição básica para a emancipação humana e como atividade fundamental é responsável pelo processo de hominização.

Segundo Del Prette (2003), estudos desenvolvidos reafirmam a importância do trabalho e suas repercussões, tanto positivas como negativas, na formação de subjetividades e no bem-estar do indivíduo, assim como na maneira como este se percebe e atua no contexto social em que está inserido. No que se refere à importância do trabalho para o indivíduo, Marques (1992) afirma que a subjetividade do sujeito está em permanente processo de construção, seja ele nos mais diversos grupos sociais, independentemente de sua constituição.

Torna-se possível verificar o valor simbólico que as ocupações representam na vida do ser humano, porém é necessário salientar que nem sempre a relação entre trabalho e sujeito permanece em um nível que possa ser considerado saudável. Quanto ao sofrimento presente nesta relação, Codo (2006) diz que a relação afetiva do sujeito para com o seu objeto de trabalho é fundamental para sua satisfação, porém esta mesma afetividade que move o trabalhador para o desempenho eficaz de suas funções também pode ser considerada como fator gerador de sofrimento.

Na medida em que este sujeito observa que a sua interferência sobre o objeto de trabalho não pode ser dada de maneira completa, inicia-se um processo de frustração pela existência da grande diferença entre o “como é” e o “como deveria ser”. Codo (2006) afirma que se o objeto de trabalho for o humano, como profissionais da educação e saúde, tal situação passa a existir de maneira mais frequente no cotidiano desses, que diante do quadro situacional iniciam uma série de questionamentos que colocam em xeque a sua competência.

Uma vez constatada a situação, verifica-se que o trabalho e a subjetividade estão interligados. Heloani (2003) afirma que o trabalho como regulador social se faz

fundamental para a subjetividade humana e essa condição mantém a vida do sujeito; quando a produtividade exclui o sujeito, podem ocorrer as seguintes situações: reatualização e disseminação das práticas agressivas nas relações entre os pares, gerando indiferença ao sofrimento do outro e naturalização dos desmandos administrativos; pouca disposição psíquica para enfrentar as humilhações; fragmentação dos laços afetivos; aumento do individualismo e instauração do pacto do silêncio coletivo; sensação de inutilidade, acompanhada de progressiva deterioração identitária; falta de prazer; demissão forçada; e sensação de esvaziamento. Sendo assim, de uma maneira geral, percebe-se a importância deste trabalho e sua influência na vida do indivíduo.

Com relação à questão dos vínculos afetivos, observa-se que apesar de estar em uma sociedade caracterizada pelo movimento online, onde o sujeito se expõe nas redes sociais, mas socialmente deixa enfraquecer o contato com seus pares, a sua relação com o trabalho é caracterizada por afetividades, que por sua vez devem ser canalizadas de maneira que se consiga a conciliação entre o trabalho e o bem-estar biopsicossocial do ser humano.

Codo (2006) afirma que um dos fatores favoráveis à promoção deste bem-estar encontra-se exatamente naquilo que atualmente não vem sendo valorizado dentro do contexto cultural em que as pessoas estão inseridas. O suporte social é considerado por Codo (2006) como um fator necessário para o fortalecimento deste profissional que sofre. Uma vez que, poder contar com suporte social adequado no trabalho associa-se com melhores possibilidades de ajustamento, maior satisfação e melhoras nas condições de saúde física e mental, ou seja, condições pessoais e de trabalho que proporcionem prazer ao indivíduo.

Heloani (2003) também apresenta a importância do desenvolvimento de um clima agradável e amigável no ambiente de trabalho, visto que estes influenciam na qualidade de vida do trabalhador e no desenvolvimento da organização. Para Codo (2006), o desgaste nas relações interpessoais aumenta as situações geradoras de conflitos e minimiza as possibilidades de resolução destes; em meio ao cenário preposto, abrem-se os processos para o desenvolvimento das frustrações que virão a desgastar o trabalhador, que por sua vez, imerso na sistemática da organização, vê-se impossibilitado para a inversão da situação em que se encontra.

Destacando a importância do trabalho, Zanelli (2008) reforça que tal atividade caracteriza-se como um elemento na construção da identidade do ser humano, sendo este um dos pontos mais significativos na vida do sujeito contemporâneo, na medida em que levamos em consideração que se passa a maior parte do tempo no trabalho, sem contar com as horas que se gasta para chegar até ele e o nosso caminho de volta para casa.

O trabalho, no caminhar de sua história, vem ocupando a maior parte do tempo dos indivíduos e interferindo ou influenciando no modo de ser de cada um. Se o espaço de trabalho e as atividades têm sentido ou significado consistente, o trabalho pode ser percebido como significativo e emancipador, porém, na situação inversa, conforme Zanelli

(2008), quando um trabalhador não consegue perceber sua finalidade ou destinação, põe em risco sua saúde mental. O fato de o trabalho influenciar a saúde das pessoas é uma questão norteadora para a compreensão do conceito de qualidade de vida. As satisfações e insatisfações advindas do ambiente psicossocial de trabalho refletem na vida pessoal dos sujeitos, da mesma forma que as realizações e problemas da vida refletem no trabalho.

Sobre qualidade de vida

Geralmente o trabalho está associado às atividades remuneradas, com vínculo legal, dando, a todos, os direitos trabalhistas, sob a denominação de emprego. Constitui-se como uma maneira de as pessoas manterem sua própria subsistência e de seus familiares.

Campos (2005) afirma que, do ponto de vista psicológico, trabalhar caracteriza-se como um modo de elaborar um conceito de si mesmo, além de uma fonte de auto-estima. Basta tomar como exemplo, ao perder o emprego, uma pessoa pode se apresentar desorientada, desestruturada emocionalmente, sentindo-se inútil. As pessoas procuram ocupar o tempo com outras tarefas, para assim manter a mente trabalhando. No contexto social tem-se o trabalho como um dos principais reguladores da vida humana. Geralmente sujeitos se reúnem organizando-se em função do trabalho, por volta, surgindo nesses ambientes fatores que geram sofrimentos e adversidades.

Deste modo, percebe-se que a qualidade de vida diz respeito a desenvolver hábitos saudáveis, buscando manter uma relação de bem-estar, que refletirá na sua relação com os outros. Campos (2005) afirma que a qualidade de vida está relacionada ao ambiente de trabalho, uma vez que é o local onde passamos a maior parte do tempo, e sofre-se com as diversidades, que vão desde as condições oferecidas de trabalho até a sinceridade das relações interpessoais, entre outros.

O ambiente organizacional vivencia um momento de intensa competitividade, exigindo de seus trabalhadores a capacidade de suportar cobranças e viver em constante pressão. Com isso, as organizações investem em programas de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), para assim melhorar o bem-estar dos funcionários e a sua capacidade produtiva, tendo em vista que a qualidade de vida no trabalho afeta diretamente a vida das pessoas e, conseqüentemente, interfere nos resultados da sua produtividade.

De acordo com Vasconcelos (2001), a origem do conceito Qualidade de Vida possui bases na medicina psicossomática, que propõe uma visão integrada, holística, do ser humano, em oposição à abordagem cartesiana que divide o ser humano em partes.

Pode-se então considerar que a Qualidade de Vida no Trabalho visa resgatar a humanização do ambiente da empresa, com destaque para o cargo, interações e políticas da organização, buscando o bem-estar geral para o trabalhador nos espaços que frequenta. Ramos (1995, *apud* CARDOSO, 1999, p. 86) afirma que,

Numa visão institucional, a QVT procura monitorar as variáveis que determinam o ambiente tecnológico, psicológico, sociológico, político e econômico no trabalho. E o que é interessante, a QVT é entendida como ‘aquilo que cada empregado acha que é’, ou seja, a ‘qualidade de percepção’, que é subjetiva e se refere à percepção que as pessoas têm de seu trabalho, e que pode ser satisfatória e geradora de bem estar social no próprio ambiente funcional ou fora dele.

A partir deste conceito interventivo que a Qualidade de Vida no Trabalho apresenta, vale ressaltar o destaque para França (1997, *apud* Vasconcelos, 2001), na medida em que apresenta a Qualidade de Vida no Trabalho como um conjunto de ações institucionais que envolvem a implementação de melhorias e inovações gerenciais e tecnológicas no ambiente de trabalho. A construção da qualidade de vida no trabalho ocorre a partir do momento em que se percebe a empresa e as pessoas como um todo, o que chamamos de enfoque biopsicossocial. Ou seja, a compreensão do sujeito como um ser repleto de subjetividades, considerando-o como algo além da mão de obra, sendo levado em conta os seus aspectos biológicos, psíquicos e sociais. Diante do material exposto, percebe-se a ligação existente entre a tríade: trabalho – bem-estar – bom desempenho nos relacionamentos sociais, podendo esta ser considerada como um suporte necessário ao indivíduo.

Metodologia

1. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa fez uso da seguinte metodologia para avaliar a possível relação existente entre o bem-estar do trabalhador da categoria de educação (professor) e o seu repertório de habilidades sociais (habilidades de convivência humana):

Foi contemplada uma análise quantitativa e qualitativa realizada sob a aplicação de 31 Inventários de Habilidades Sociais de Del Prette (IHS), mais 31 termômetros impressos que solicitavam a cada um dos entrevistados, professores da rede pública, a demarcação do seu nível de bem-estar em sala de aula, considerando o topo do termômetro como um ótimo bem-estar e sua base como a ausência do bem-estar. Após a aplicação do IHS, realiza-se a apuração, para que, por meio deste inventário, seja gerado um escore de cada entrevistado sobre o seu repertório de habilidades sociais. Este escore foi comparado ao nível de bem-estar demarcado pelo entrevistado, para que, por fim, fosse realizada a análise dos resultados desta pesquisa de campo.

2. Caracterização da amostra

O grupo amostral foi composto por 31 professores da rede pública de ensino, escolhidos de forma aleatória.

3. Apuração dos dados

Considerando bem-estar como conforto; estado em que se sente bem; condição daquele que está seguro ou confortável, o termômetro impresso fora dividido em três níveis: “Tenho um alto nível de bem-estar” – “Tenho um nível mediano de bem-estar” – “Não me sinto muito bem”. Na ocasião solicitou-se aos entrevistados que assinalassem em qualquer nível do termômetro como eles se sentiam em sala de aula. Logo após, iniciava-se o procedimento de resposta do Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette, que após a apuração dos dados forneceria o escore total do repertório de habilidades sociais de cada um dos entrevistados, proporcionando, assim, a divisão dos mesmos nas seguintes classificações: Repertório bastante elaborado de habilidades sociais, Bom repertório de habilidades sociais (acima da mediana), Repertório mediano, Bom repertório de habilidades sociais (abaixo da mediana), e por último, Indicação para treinamento em habilidades sociais. Esta última classificação identifica que o indivíduo apresenta um repertório de habilidades sociais que necessita ser desenvolvido para que o sujeito possa explorar o seu potencial.

4. Análise dos dados

Após a aplicação dos instrumentos, foi possível verificar que:

- Dos sete entrevistados que afirmaram possuir um bem-estar em sala de aula abaixo do mediano, seis foram identificados, por meio do escore gerado pelo inventário, como sujeitos que poderiam necessitar do treinamento em habilidades sociais. Ou seja, apresentaram baixos índices de repertório de HS.
- Dos quatro entrevistados que afirmaram possuir um nível de bem-estar mediano, apenas em um foi identificado o baixo repertório de HS.
- Os outros vinte entrevistados afirmaram possuir um bem-estar acima do mediano. Nestes, apenas um foi classificado com um baixo repertório de HS.

Considerações finais

Por meio dos resultados obtidos, é possível inferir que aqueles professores que possuem um repertório de habilidades sociais acima do nível mediano do Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette apresentam, por sua vez, um melhor bem-estar em sala de aula. Já aqueles que apresentam um repertório de habilidades sociais menos elaborado possuem, em sua maioria, um nível de bem-estar inferior aos outros companheiros de categoria, respondendo então ao questionamento abordado na presente pesquisa,

apresentando que aqueles que possuem melhores níveis de habilidades sociais, por sua vez, possuem um melhor nível de bem-estar no ambiente de trabalho.

Sendo assim, reforçam-se as afirmações de Del Prette & Del Prette (2001) quando referem que pessoas com um repertório de habilidades sociais mais elaborado possuem modos de ser, tanto pessoal, quanto profissional, mais bem sucedidos; já aqueles que apresentam realidade contrária, geralmente, apresentam também uma qualidade de vida inferior. Deste modo, fortifica-se a necessidade das diversas instituições, no sentido de realizarem atividades que possibilitem ao sujeito o seu desenvolvimento integral, realizando, assim, a promoção da saúde.

Compreende-se que do sujeito da contemporaneidade são exigidas diferentes competências nos diversos ambientes em que está inserido, mas no que se refere às competências que estão correlacionadas aos aspectos comportamentais para com seus pares, o sujeito encontra-se pouco assistido pelas instituições responsáveis pelo seu processo de socialização e/ou formação continuada, contribuindo assim para a construção de um ambiente social caracterizado por conflitos alarmantes, que por sua vez causam danos à saúde dos envolvidos.

Considerando os índices elevados de problemáticas provenientes de conflitos, pode-se verificar, por meio desta e de outras fontes empíricas, que o Treino em Habilidades Sociais, utilizado como uma ferramenta na atuação do profissional de Psicologia não só no campo clínico, mas em campos que proporcionem o trabalho sob uma postura preventiva, apresenta-se como uma área científica capaz de contribuir significativamente na construção permanente de uma formação humana baseada na convivência harmoniosa, no respeito ao direito de si mesmo e de seu próximo, por sua vez contribuindo para um modo de ser do ser humano “habilidoso socialmente”, tanto sob uma perspectiva existencial, como sob a perspectiva mais focal no campo de suas atividades profissionais, fortificando a necessidade de projetos voltados à saúde do trabalhador e programas que trabalhem visando ao desenvolvimento de habilidades sociais como ferramenta capaz de auxiliar no bem-estar relacional e contribuir para a minimização das situações geradoras de conflitos.

Referências

ALBUQUERQUE, L. G. Competitividade e recursos humanos. **Revista de Administração da USP**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 16-19, out./dez. 1992.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 227-235, 2002.

CAMPOS, Maria Liege Pereira. **Estresse e qualidade de vida do professor**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Recursos Humanos para a Educação) – Faculdade de Frassinetti do Recife – FAFIRE. Recife, 2005.

CARDOSO, Wilma Lucia Castro Diniz. Qualidade de vida e trabalho: uma articulação possível. In: GUIMARÃES, Liliansa Andolpho Magalhães; GRUBITS, Sonia. (Orgs.) **Série saúde mental e trabalho**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 3 v.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 7. ed. Rio De Janeiro: Sextante, 2003.

DEL PRETTE, Z.A.P. **Inventário de habilidades sociais**: manual de aplicação, apuração e interpretação. São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.

_____. Habilidades sociais e educação: pesquisa e atuação em psicologia escolar/educacional. In: _____. **Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida**. Campinas: Alínea, 2001, p. 114-141.

_____. **Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio De Janeiro: Nova fronteira, 1999.

HELOANI, José Roberto; CAPITÃO, Cláudio Garcia. **Saúde mental e psicologia do trabalho**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

JACQUES, Maria da Graça. O nexos causal em saúde/doença mental no trabalho: uma demanda para a psicologia. **Psicol. Soc.** [online]. 2007, v.19, n. spe, p. 112-119, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000400015>.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina *et al.* **As pessoas na organização**. 12. ed. São Paulo: Gente, 2002.

PIROCCA, Caroline. **Dependência da internet, definição e trabalho:** revisão sitemática da literatura. Porto Alegre. 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40120?show=full>>. Acesso em: 8 jun. 2013.

VASCONCELOS, Anselmo Ferreira. Qualidade de vida no trabalho: origem, evolução e perspectivas. **Cadernos de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 8, n. 1 jan./mar. 2001.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal. **Interação humana e gestão:** a construção psicossocial das organizações de trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

Recebido em: 17/10/2014

Aprovado em: 23/03/2015

Para referenciar este texto:

SANTOS, Camilla Guerra Lopes *et al.* O repertório de habilidades sociais e o bem-estar do trabalhador-professor, **Lumen**, v. 23, n. 2, p. 69-80, jul./dez. 2014.